



geração que teve aqui o primeiro filme e diria que, potencialmente, criámos os espectadores do Gaiashopping”, diz João Lopes. Numa outra conversa, Magna Fernandes já tinha contado que foi naquele cinema, numa sessão para as escolas, uma reposição de *A Branca de Neve e os Setes Anões* (1937), o seu primeiro filme.

Dentro do edifício, na zona de enrolamento, onde as fitas eram rebobinadas, ainda há várias latas de menor dimensão amontoadas. São trailers, explica João, enquanto vai pegando nas pequenas embalagens com etiquetas onde se lê “24 Hour Party People” ou “Up – Altamente.”

“O cinema só é sustentável se tiver pessoas”, diz João Lopes, que recorda que as últimas vezes que abriu portas, já só à sexta, sábado e domingo, havia sessões com três, quatro e cinco pessoas. “Se tivesse 15, já era como se fosse casa cheia.” Por poucas que fossem, João, que agora está mais dedicado ao projecto de cinema ambulante da família, recorda o “prazer” de ver “as pessoas de boca aberta, vidradas no ecrã”.

O país mudou e mudaram-se os hábitos de consumo. Nos primeiros tempos, havia uma centena de motas e três ou quatro carros à porta do cinema, descreve. Depois passou a haver mais carros que

motas, utilizados para percorrer distâncias maiores e para ir até ao Gaiashopping, a cathedral do consumo que abriu em 1995, com o seu multiplex. Ainda assim, João Lopes alimenta a esperança de encontrar fundos que permitam um dia reabrir portas, nem que seja numa lógica de proximidade, para a comunidade escolar.

Pagar a promessa

A equipa do projecto que fez parte de Gente-Mundo está no terreno desde o início de 2023. Durante este período, conta Dulce Moreira, os cerca de 200 alunos de escolas que estiveram envolvidas no projecto também serviram de “caçadores de histórias”, compelidos que foram a recolher os relatos dos seus avós e de outros familiares mais velhos. “Criou-se uma relação interessante, porque havia miúdos que não conheciam muito bem as histórias dos avós e é curioso também passar-lhes este acto de pesquisa”, descreve. O ano de 2024 foi de conclusão, de ir apresentando trabalhos à comunidade.

Na tentativa de captar a memória do lugar, a última paragem do projecto é na casa de Maria Adelaide Santos, em Serzedo, mãe de Mariana Santos. No início de Dezembro, quando o PÚBLICO acompanhou as filmagens, contava os dias para fazer 86 anos. Viveu sempre ali.

Nasceu na casa ao lado, mudou-se já casada para o sítio onde ainda mora, uns metros para a esquerda, com vista para um horizonte onde prédios de habitação se misturam com barracos de apoio agrícola, torres de alta tensão, uma palmeira decapitada e terrenos de vegetação desordenada.

Enquanto fala para a equipa de filmagem que lhe quer gravar o testemunho, Maria Adelaide Santos está sentada no sofá de uma sala alcatifada, com papel de parede com marcas do tempo e profusamente decorada. São dezenas as bonecas de porcelana, às quais se juntam estatuetas de motivos religiosos, pratos ornamentados, fotografias de família ou ilustrações de motivos florais, tudo disposto por paredes, mesinhas e armários até não sobrar um centímetro de vazio.

Conta o que se vai lembrando da infância, das pequenas histórias, dos muitos nomes, de quando ia de carro de bois ou a pé para a praia da Granja, ainda antes de a Junta de Freguesia dos Carvalhos começar a ter autocarros que viriam fazer esse mesmo percurso. Ficou-lhe o hábito de caminhar. Foi 24 vezes a pé a Fátima, uma delas já grávida e sem o saber, recorda com humor. Apesar de a idade lhe ir entorpecendo os passos, gostava de ir uma outra vez. “Se Deus me desse genica, eu ia”, diz, num suspiro.

Oeste não quer que o país esqueça Joaquim Vieira Natividade

Paula Sofia Luz

O engenheiro agrónomo e silvicultor tem sido esquecido. Agora vão multiplicar-se homenagens em Alcobaça e nas Caldas

“Há muita gente que já nem sequer sabe quem foi Joaquim Vieira Natividade. E isso é muito preocupante.” Maria Manuel Aurélio, responsável pelo Armazém das Artes, em Alcobaça, expressa o desalento que se transformou em ímpeto para levar a cabo o ciclo de iniciativas que rende homenagem ao homem que dedicou a sua vida (1899-1968) à silvicultura, à investigação, mas também às artes.

Denominado “Quanto tempo tem a memória”, o ciclo foi apresentado a 22 de Novembro (dia em que se assinalaram os 125 anos do nascimento da figura) e arranca hoje com uma exposição – *Memorabilia – Joaquim Vieira Natividade*, conta com uma instalação que inaugura o espaço, no Armazém das Artes, com o subtítulo *Ver o homem para além ainda do que foi e do que fez*.

“Esta instalação é uma primeira mostra que estará patente até ao dia 2 de Março de 2025 e pretende ser o ponto de partida para as inquietações deste ciclo”, explica ao PÚBLICO Maria Manuel. “Para além das exposições que já se fizeram sobre a vida e obra dos Vieira Natividade e da bibliografia escrita, interessa-nos perceber e questionar o que resta, efectivamente, do génio que animava esta pessoa. Que espaço ocupa Joaquim Vieira Natividade na memória de todos nós”, acrescenta a responsável, certa de que “a memória é, em parte, movida por relações emocionais, e por isso o que pretendemos é pensar e viver o legado, os gostos, a atenção ao detalhe de Joaquim Vieira Natividade. Assumir aquilo que nos deixou não como objectos contemplativos, mas como pontos de partida para novas reflexões e implicações na contemporaneidade”.

O objectivo da organização – repartida entre o Armazém das Artes e várias instituições de Alcobaça e Caldas da Rainha – é “tornar o espólio vivo e passível de ser relacionado com os dias de hoje, com a nossa vida e, consequentemente, com a nossa memória”, enfatiza Maria Manuel.

A exposição ficará patente até Março de 2025, mês em que se inaugura, a 21, uma outra mostra, desta vez a cargo dos alunos do 1.º ano de mes-

trado em Artes do Som e da Imagem da ESAD (Escola Superior de Arte e Design) de Caldas da Rainha: *Dossier da Mata do Vimeiro: Um Tributo a Joaquim Vieira Natividade*, sob a coordenação do professor Emanuel Brás. E se houve um capítulo a que Natividade dedicou especial empenho no seu percurso de investigação foi a Mata do Vimeiro (hoje parte das matas nacionais), uma área com 267 hectares, em que 247 são mancha arborizada.

Ali domina o pinheiro-bravo (60% da área da Mata), seguido do eucalipto (8% da área, destinada à produção de madeira de qualidade) e do sobreiro (6% da área da Mata). Conta ainda com uma notável mancha de carvalho-português, numa superfície de cerca de 20 hectares. A Câmara de Alcobaça exhibe-a como um dos cartões-de-visita naturais do concelho, incluindo ali a fonte da Pena da Gouvinha e os Parques de Merendas. Medronheiros, urzes, tojos, mas tam-



Joaquim Vieira Natividade tornou-se uma referência na forma como se exploram as árvores e o solo

bém algumas acácias e silvas fazem o resto da paisagem. No caminho pedestre que é possível percorrer, encontram-se ervas aromáticas e uma grande diversidade de cogumelos. Há uma fauna típica que por ali habita, com destaque para o esquilo-vermelho, o saca-rabo, o javali, a águia-de-asa-redonda e o gaio.

O projecto da ESAD que dá origem à exposição inclui ainda um livro sobre o trabalho de Joaquim Vieira Natividade. Afinal, será a junção entre duas paixões do investigador: a silvicultura e as artes.

Entre 1930 e 1950, elegeu a Mata do Vimeiro como ponto central dos seus trabalhos de investigação, na época em que assumiu as funções de director da Estação Experimental do Sobreiro e Eucalipto, em Alcobaça. “Tanto no seu trabalho na fruticultura como na subericultura, Joaquim Vieira Natividade preocupou-se sempre em divulgar junto dos trabalhadores rurais as suas investigações, tornando-o uma referência na forma como se exploram as árvores e o solo. Manuel Gomes Guerreiro apelidou-o como ‘O último monge-agrônomo de Santa Maria de Alcobaça’”, conta o Município de Alcobaça, numa nota sobre este filho da terra.